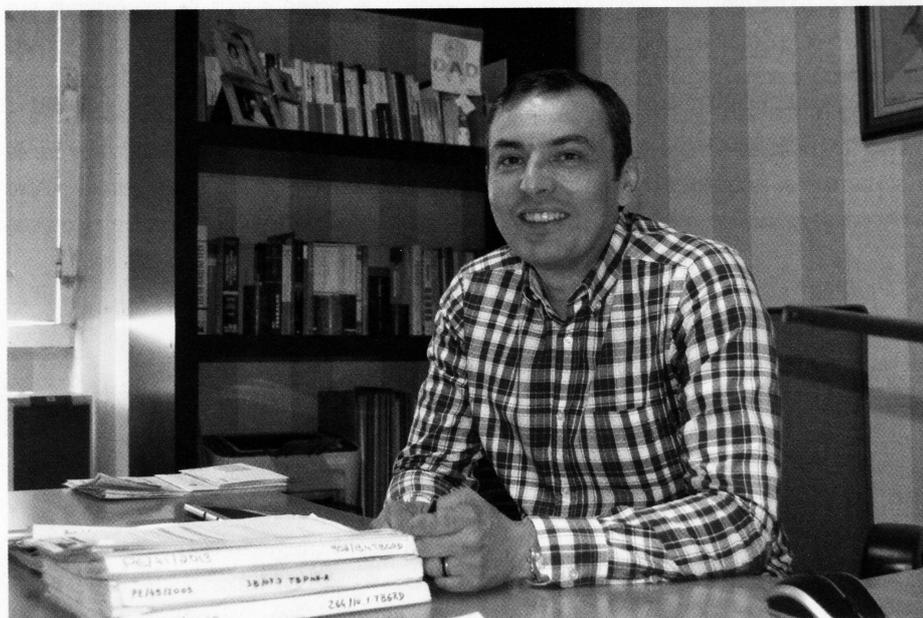


O PAPEL DO AGENTE DE EXECUÇÃO NA GUARDA

ANTÓNIO FONSECA

Influenciado pela família, com pai e mãe solicitadores, António Fonseca decidiu enveredar pela área. Mais tarde, em 2008, acrescentou mais uma função ao seu trabalho, tornando-se agente de execução, profissão que o obrigou a "reformular toda a estrutura" laboral, revelou.



ANTÓNIO FONSECA
Agente de Execução

António Fonseca optou inicialmente por uma área de formação bem distinta da solicitadoria. O entrevistado revelou que completou até o curso de gestão de empresas e, só mais tarde, depois de todos os conhecimentos que adquiriu, enquanto "menino de recados" do pai, ajudando no que era necessário, percebeu como "funcionava a estrutura". Posteriormente, decidiu mudar de carreira e foi estudar novamente, "na altura, tirei o curso, ainda pela Câmara dos Solicitadores, no Porto", relata o interlocutor. Em 2008, resolveu inscrever-se como agente de execução, vertente que continua a exercer até ao dias de hoje. Explica que trabalha em parceria com "alguns advogados, 90 por cento dos processos que tenho para resolver surgem por esta via", revela

o agente de execução. António Fonseca confessa que quando decidiu enveredar pelas penhoras, não pensou que fosse uma profissão "tão exigente, quer psicologicamente, quer fisicamente", tendo mesmo, passado por alguns problemas de saúde, devidamente solucionados. António Fonseca explica que "de 2008 a 2011, julgo que era o único a ter as execuções, no distrito da Guarda, foi muito complicado, tinha muito trabalho, fui obrigado reformular a estrutura. Na altura, como rebentou a crise, surgiram muitas execuções, em diversas áreas, estava de segunda a quinta-feira fora do escritório", ocupado com as diligências. O agente de execução convive com realidades difíceis que, por vezes, "nos chocam e alguns casos levamos para casa, somos afetados. Depois, começamos a conviver e, se calhar,

ficamos um pouco mais insensíveis, mas é a minha função. Tive um caso de uma senhora que trabalhou comigo um dia no terreno e desistiu, vamos a locais muito complicados", relata o interlocutor, exemplificando a complexidade do trabalho realizado. No presente, consegue manter algum distanciamento e explica que é trabalho que tem de ser feito, tem a noção que num meio relativamente pequeno como é a Guarda existem "pessoas que não me apreciam devido à profissão, mas tenho clientes que também já foram meus executados, inclusivamente, há pessoas que pensam que eu sou cobrador e me procuram, aí tenho de explicar como funciona todo o processo, que têm de consultar um advogado e que depois ele me delega o processo", revela António Fonseca. Para além da Guarda, atua também na zona do Sabugal, Almeida, Vila Nova de Foz Côa, Pinhel, Seia, Gouveia, Trancoso, Aguiar da Beira, Mangualde, Fornos de Algodres, Belmonte e Figueira de Castelo Rodrigo. As áreas do comércio, construção civil e agricultura é onde realiza a maioria das diligências. No que diz respeito à profissão, considera que "seria bastante importante a Câmara dos Solicitadores passar a Ordem dos Solicitadores, em termos de execução, penso que está a funcionar muito bem", funções facilitadas pelo programa Sistema Informático de Suporte à Atividade do Agente de Execução, SISAAE, acrescentando que "quando comecei, em 2008, devia estar a funcionar assim", o que demonstra a evolução do trabalho desde essa altura. António Fonseca revela que existe uma relação saudável e de cooperação entre os colegas da região. Quanto à perspetiva, que tem vindo a ser noticiada, de virem "a fazer a execução das dívidas do Estado, no âmbito dos processos administrativos" considera que devem "ser capazes de o fazer, tal como as execuções", que antes eram da responsabilidade dos tribunais.